

RESENHA DE “PROSODIC FEATURES AND PROSODIC STRUCTURE”, DE ANTHONY FOX

Davi Borges de Albuquerque¹

albuquerque00@hotmail.com

O autor de *Prosodic Features and Prosodic Structure*, Anthony Fox, é um fonologista que teve um interesse nas questões prosódicas, especialmente envolvendo aspectos da entonação e características tipológicas de suprasegmentos. As línguas estudadas por ele foram o inglês, o alemão e o chinês; não obstante, Fox também investigou aspectos prosódicos em outras línguas, como o italiano, o finlandês, o japonês e o kimboma (língua Bantu, falada na República Democrática do Congo).

Seu livro *Prosodic Features and Prosodic Structure*, cuja resenha é esta que segue, é sua principal obra. Nela o linguista, de certa forma, apresenta uma síntese dos estudos fonológicos elaborados no decorrer de sua carreira acadêmica, principalmente na Universidade de Leeds, Inglaterra. O objetivo principal do livro, segundo o autor, é realizar uma descrição da prosódia, justificando sua escolha dos traços prosódicos “mais linguísticos” e, em posse desta descrição e desses traços prosódicos, elaborar uma tentativa de teoria da prosódia. A obra é dividida da seguinte maneira: o capítulo inicial (1) é uma introdução para a definição dos traços prosódicos e para a metodologia a ser usada para a identificação dos fenômenos prosódicos; os capítulos seguintes analisam separadamente os principais fenômenos prosódicos identificados de acordo com a metodologia proposta por ele - que será comentada posteriormente -, são eles: a duração (2), o acento (3), o tom (4) e a entonação (5); por último, o linguista define o conceito de estrutura prosódica e apresenta uma tipologia

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília – UnB. Agradeço a Gabriel de Ávila Othero pela leitura e comentários feitos a esta resenha.

viável a ser utilizada como base para a descrição linguística dos fenômenos prosódicos, no capítulo 6.

Dessa maneira, logo no capítulo inicial, aparece o primeiro problema, que pode ser expresso através da seguinte pergunta: como diferenciar os traços prosódicos “mais linguísticos” daqueles outros traços que são fenômenos irregulares típicos da fala? Dois critérios de identificação são elencados: o fonético e o fonológico.

De acordo com o critério fonético proposto pelo autor, é possível localizar a maioria da produção dos elementos segmentais na área chamada de supralaríngeal. A área supralaríngeal é uma das três áreas, que de acordo com a divisão de Abercrombie (1967), fazem parte da fisiologia da fala: subglotal, laríngeal e supralaríngeal. Em contrapartida, a maioria dos fenômenos prosódicos é produzida pelos componentes subglotal e laríngeal, como tom e entonação, que são realizados por músculos laríngeais, e os padrões acentuais, que são controlados por atividades dos músculos respiratórios (localizados na região do componente subglotal). Assim, através do critério fonético, é possível separar os fenômenos prosódicos de outros fenômenos de natureza não-prosódica e irregular da fala.

O critério fonológico para a identificação dos fenômenos prosódicos faz-se imperativo exatamente pelo fato mencionado acima, que consiste na necessidade de melhor definição dos fenômenos prosódicos através do contraste entre as características estruturais dos traços segmentais e dos traços suprasegmentais. A partir daí, Fox chega a uma característica fundamental: “a característica específica dos traços prosódicos, que os opõem aos segmentais, é que eles se aplicam a domínios mais amplos que os segmentos individuais” (p. 5). O autor elenca ainda afirmações semelhantes a essa em diversas obras escritas por vários linguistas, entre eles Crystal (1969) e Ladefoged (1975).

Com base nos critérios fonéticos e fonológicos, Fox passa a analisar, no decorrer do livro, os fenômenos prosódicos que podem ser classificados como “mais linguísticos”²; são eles: duração, acento, tom e entonação, que serão comentados nos parágrafos seguintes.

A duração aparenta ser um dos fenômenos prosódicos mais fáceis de ser percebido pelo falante e encontra-se de alguma forma contemplada desde a formação da tradição gramatical. Com o nascimento dos estudos fonéticos e fonológicos, assim como da própria

² Vale lembrar que a expressão destacada “mais linguística” é usada por mim e não pelo autor da obra. Emprego essa expressão por motivos explicativos e de espaço com o objetivo de separar os fenômenos linguísticos da fala, ou “mais linguísticos”, dos fenômenos não-linguísticos e/ou idiossincráticos de cada falante. O autor, ao desenvolver sua análise de acordo com os critérios fonético e fonológico, passa a enumerar certas características regulares da fala que podem ser classificadas como parte dos fenômenos prosódicos. Denomino estas características de “mais linguísticas”. Ainda, estas são diferenciadas de diversas outras características da fala que são irregulares e/ou típicas de cada falante, ou seja, não-científica. Estas denomino de características “não-linguísticas”.

linguística moderna, no início do XX, há várias maneiras de se abordar e analisar esse fenômeno. Ainda, as diversas contribuições e notáveis evoluções que marcaram o campo da ciência linguística durante o século XX fizeram com que os estudos fonéticos e fonológicos enriquecessem de maneira significativa. Assim, o estudo da duração é um dos que apresenta maior leque de interpretações distintas que podem ser classificadas separadamente. Fox elenca as que seguem: a interpretação paradigmática, que procura, grosso modo, analisar prováveis traços distintivos da duração como longo x breve, tenso x relaxado, qualidade, quantidade, entre outros; a interpretação sintagmática, que analisa a duração de acordo com sua distribuição nas línguas; a abordagem não-linear, que segue as teorias não-lineares da Fonologia, cujas principais são a Fonologia Métrica, que analisa a duração como uma representação fonológica ordenada hierarquicamente de acordo com os nódulos binários, e a Fonologia Autossegmental, que analisa a duração como “uma unidade ou traço de maneira quase independente que se liga aos outros traços ou unidade por princípios de associações” (p. 59); outras abordagens que relacionam duração com estudos da estrutura silábica e a duração com certos fenômenos prosódicos como o ritmo e o tempo. O autor, após examinar cada uma das abordagens e apresentar análises em diversas línguas (entre elas o estônio, o baixo-alemão e o inglês antigo e moderno), chega a uma proposta de tipologia para a descrição da duração nas línguas do mundo com apenas dois princípios básicos: a presença ou a ausência de unidades específicas na hierarquia fonológica; e o uso de unidades específicas como base de marcação de tempo.

O acento foi analisado por diversos gramáticos e linguistas em várias línguas do mundo. Dessas pesquisas, pode-se inferir que o fenômeno do acento usualmente foi classificado em dois grupos: um ‘enfático’ e outro ‘normal’, e um em nível de palavra e outro em nível de núcleo. Ainda, a visão tradicional divide a manifestação do acento também em dois grandes grupos: o dinâmico e o musical. Fox, porém, exclui o ‘acento musical’ de línguas como o lituano, o sueco e o norueguês, por se tratar, na realidade, de ‘acento tonal’, que pode ser interpretado como “a superposição do fenômeno acentual com uma diferenciação tonal” (p. 125). O autor, baseando-se em um importante estudo de Beckman (1986), aponta características fundamentais para o estudo do acento nas línguas do mundo. O trabalho de Beckman (1986), que é uma análise das manifestações fonéticas do acento em japonês e inglês, lança a chamada *stress-accent hypothesis*³, ou simplesmente hipótese *stress-*

³ Optei por manter a terminologia em língua inglesa de Beckman (1986) e Fox (2000) pelo fato de as duas palavras (*stress* e *accent*), ao serem traduzidas para o português, poderiam causar certa ambigüidade por não

accent, que diferencia dois tipos de acento: o *stress-accent* e o *non-stress accent*. O *stress-accent* é o padrão acentual que pode ser considerado fonologicamente como um fenômeno apenas com vários traços fonéticos envolvidos. O *non-stress accent* é representado principalmente pelo padrão acentual da língua japonesa que é baseado no *pitch*. Essa hipótese separa os critérios fonéticos e fonológicos para a descrição do acento e encara-o como um fenômeno prosódico sintagmático.

Após a discussão sobre o acento, o fenômeno prosódico do tom é analisado. O autor aborda as várias teorias sobre o tom e os problemas de sua descrição fonética e fonológica. Seguindo sua análise, Fox concentra-se na abordagem paradigmática do tom, identificando tons e sistemas tonais, níveis e contornos e traços distintivos do tom. Esse fenômeno prosódico é relacionado com a sílaba, sofre um fenômeno de *sandhi* específico, chamado de *sandhi* tonal, e Fox chega à conclusão de que o tom não se relaciona com os segmentos, mas com a sílaba e, em alguns casos, com unidades maiores, como o pé. O tom também acaba por fazer parte da estrutura prosódica por ser dependente do acento (como o caso dos acentos tonais já apontados do sueco e do norueguês, que são extensivamente analisados pelo autor, juntamente com o do servo-croata) e relacionar-se com outros fenômenos como a duração (comentada anteriormente), a quantidade e o peso silábico.

Finalmente, a entonação é o último fenômeno prosódico a ser contemplado. Fox segue a mesma maneira de suas análises anteriores: aponta as vantagens e as desvantagens dos critérios puramente fonéticos e fonológicos; os modelos teóricos propostos por escolas anteriores; a relação da entonação com outros fenômenos prosódicos, como o *pitch-accent* e os tons frasais e delimitativos; os traços distintivos da entonação, como os traços envolventes, os proeminentes e os modais (p. 324). Fox termina este capítulo de análise da entonação preparando o terreno para o capítulo seguinte e final da obra, intitulado *Prosodic Structure*. Segundo ele, para elaborar uma tipologia da entonação, é necessário que se leve em conta o conceito de ‘estrutura prosódica’, porque a entonação, além de envolver a noção de hierarquia prosódica (hierarquia que varia de uma língua para outra), atua na produção da fala inteira, ou seja, em unidades maiores da fala, e não apenas em unidades menores, como a sílaba, ou o pé silábico.

No último capítulo, Fox procura definir o que entende por ‘estrutura prosódica’ com base no que foi exposto no decorrer do livro. Inicialmente, o significado do termo ‘estrutura’ é discutido principalmente de acordo com o Estruturalismo e o Gerativismo. Fox afirma que

contarem com um termo correlato. Assim como o termo *pitch* por ser fundamental para entender a interpretação do padrão acentual da língua japonesa.

seu conceito de ‘estrutura’ está ligado a uma organização de certa forma livre de influências, i. e. a ‘estrutura prosódica’ é definida como “uma estrutura motivada independentemente que existe na área da prosódia” (p. 331). A vantagem apontada pelo autor é que essa estrutura prosódica varia de uma língua para outra, o que torna seu conceito menos abstrato, já que ela está ligada com aspectos fisiológicos da fala. Posteriormente, ele retoma diversos problemas que foram abordados nos capítulos anteriores. Entre os de importância significativa são: a extensão do domínio prosódico, como foi apontado que o domínio da prosódia é bem maior do que o dos segmentos; o conceito de hierarquia na descrição dos fenômenos prosódicos, entre as várias propostas de hierarquia (que varia de uma língua para outra) pode ser mencionada a que segue: sílaba > pé > palavra fonológica > grupo clítico > frase fonológica > frase entonacional; os diferentes modelos prosódicos; e as unidades prosódicas que se estendem desde a sílaba até a frase entonacional. Ao encerrar esse capítulo, Fox aponta três maneiras distintas para a interpretação das especificações da estrutura prosódica: a primeira baseia-se na Fonologia Gerativa clássica, a segunda e a terceira apóiam-se principalmente no conceito da hierarquização, sendo uma a interpretação de-cima-para-baixo (*top-down*) e a outra da-esquerda-para-direita (*left-to-right*).

Esse livro de Fox pode ser encarado como um guia para os estudos prosódicos, pois, conforme tentamos mostrar aqui, o autor oferece ao leitor um panorama das diversas teorias, abordagens, escolas e/ou interpretações linguísticas que envolvem diversos fenômenos prosódicos. Os problemas que envolvem cada um dos fenômenos estudados (a duração, o acento, o tom e a entonação) são apresentados também separadamente de maneira sistematizada. Contudo, *Prosodic Features and Prosodic Structure* vai muito além de um manual de prosódia. Ele trata também de uma tentativa ousada de Fox de propor uma teoria unificada dos estudos prosódicos ligada à noção de estrutura prosódica e através de uma tipologia dos fenômenos prosódicos. Essa tentativa, apesar de ser ousada, não resultou em fracasso, pois o linguista alcança seus objetivos de maneira satisfatória, e, na maioria das vezes, com sucesso, realizando suas propostas teóricas, testando-as e aplicando-as na descrição de certos fenômenos prosódicos em diversas línguas do mundo.

Dessa maneira, essa obra de Fox pode ser considerada um marco nos estudos prosódicos, que consegue condensar de maneira exemplar elementos distintos como as abordagens tradicionais e as diversas escolas anteriores que contemplaram de alguma forma os estudos da prosódia; sua proposta teórica e tipológica dos fenômenos prosódicos; as aplicações dessas propostas em diversas línguas, visando à descrição da prosódia dessas línguas. Assim, o livro consegue somar características de um manual de prosódia, juntamente

com traços de história dos estudos prosódicos, tipologia linguística e guia prático para a análise e descrição linguística. Recomendo, por isso, a todos os profissionais interessados a leitura e/ou consulta desta obra que veio somar muito ao conhecimento linguístico, e contribuir de maneira decisiva para o contínuo desenvolvimento de nossa ciência.

REFERÊNCIAS

1. ABERCROMBIE, D. *Elements of General Phonetics*. Edinburgo: Edinburgh University Press, 1967.
2. BECKMAN, M. E. *Stress and Non-Stress Accent*. Dordrecht: Foris, 1986.
3. CRYSTAL, D. *Prosodic Systems and Intonation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
4. FOX, A. *Prosodic Features and Prosodic Structure. The Phonology of Suprasegmentals*. Nova York: Oxford University Press, 2000.
5. LADEFOGED, P. *A Course in Phonetics*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975.

FOX, A. *Prosodic Features and Prosodic Structure. The Phonology of Suprasegmentals*. New York: Oxford University Press, 2000.